

O RETORNO À LINGUAGEM: HUSSERL E MERLEAU-PONTY

Renato Oliva*

Edmund Husserl pretende desenvolver no texto **Investigações Lógicas**, a construção de uma eidética da linguagem. Trata-se da ambição racionalista de elaborar uma gramática universal capaz de fixar as normas de significação, independentes de qualquer linguagem empírica, estabelecendo, entretanto, que todas as línguas empíricas são apenas a realização de uma linguagem essencial, que cabe à fenomenologia estabelecer.

A eidética, a busca do 'eidos', é o objetivo supremo da fenomenologia; a constituição, através de um método de variações imaginárias que culminariam na 'visão das essências' — a intuição do variante residual de todas as variações. Este invariante, resíduo de todas as variações possíveis, é a atividade intencional da consciência buscando constituir o significado; condição para que qualquer comunicação possa se estabelecer.

Todas as proposições se exprimem em linguagem, através de enunciados. A linguagem é o modelo intencional através do qual a consciência rompe com o primado

da 'consciência de si' e se define como 'consciência do mundo'.

Se a linguagem é relação, ela é essencialmente um sistema de atos: a intenção significante e a significação.

Para que isto possa ser compreendido é preciso que toda a comunicação seja 'colocada entre parênteses', para fundar um pensamento simbólico e demonstrar a unidade ideal da significação.

O significado, após a série de 'reduções', torna-se independente tanto das operações puramente psicológicas, da variedade das vivências, quanto das condições sociais e históricas em que ele se realiza e atualiza.

Permanece uma unidade de sentido apesar da pluralidade de vivências; o mesmo enunciado é válido frente à multiplicidade dos sujeitos falantes.

A razão fenomenológica exige que tudo aquilo que pode ser conhecido deva ser determinado em seu sentido de maneira unívoca e expresso através de significações verbais claramente deter-

* Professor de Filosofia do Departamento de Pedagogia/UFU.

minadas. O mundo é determinável através de suas significações.

É o recurso à lógica que preside à 'colocação entre parênteses' da linguagem enquanto tal: sua origem seria não-lingüística. Há uma contingência do signo lingüístico em relação ao sentido, e a história das línguas aparece como a manifestação variável de estruturas não-históricas.

Para ser compreendida em sua função de signo, a linguagem deve ser isolada de sua função comunicativa. A estrutura fonética é segunda em relação ao significado. Falar será omitir esta estrutura fonética, e a palavra se converte então numa 'transgressora' do mundo físico: a conversão do sonoro em significante. É, pois, retornando ao anterior de uma unidade que é o resultado da confusão psicologista entre **significação** e **indicação** que Husserl vai especificar a oposição entre índice e expressão. Expressão cujo eidos é ser um signo significante com um domínio lógico de validade própria.

Aquilo que define a expressão é a relação entre dois termos heterogêneos: 1. o aspecto físico: a seqüência de sons de uma palavra; 2. o aspecto psíquico: o significado que esta seqüência de sons pode tomar...

Husserl vai se deter sobre o segundo termo da relação, porque foi sobre ele que os equívocos da posição psicologista se estratificaram.

Pode-se reconhecer em todo o trajeto das **Investigações Lógicas** uma orientação anti-psicologista: tal orientação se assenta na exigência de distinguir uma estrutura categorial subjacente às manifestações singulares da palavra.

A corrente caracterizada por Husserl como psicologista afirma que a Lógica é uma técnica do pensamento correto, e que as leis lógicas são reais de nosso pensar, obtidas através de análises empírico-psicológicas, sendo verdadeiro o que corresponde a tais leis do pensar.

Husserl orienta a pesquisa fenomenológica para a forma do fenômeno lingüístico, para a busca de uma estrutura categorial que permita estabelecer uma correlação entre o significante e o significado, apesar de todas as flutuações possíveis, e não aos atos concretos em que ele se realiza.

Para Husserl, temos um índice quando um objeto remete a outro em virtude de uma certa contigüidade, seja ela física (p. ex. na situação causal — a fumaça que remete ao fogo como a sua origem), seja perceptiva (no caso de um desenho que reproduz os traços essenciais do objeto representado).

A essência do índice consiste na relação de indicação que ele instaura, podendo haver sinal mesmo sem qualquer contigüidade, numa base puramente arbitrária, sem qualquer relação causal

ou isomorfismo perceptivo entre indicante e indicado.

Em sua função comunicativa normal todo fato de palavra desempenha o papel de tornar conhecidos determinados conteúdos psíquicos. Uma manifestação verbal percebida por mim pode ter a função indicativa de um certo pensamento ou estado emotivo do falante.

Podemos encontrar na expressão aspectos que a aproximam do fenômeno da indicação. A expressão pode exercer a função de índice: o fato físico constituído pela seqüência fônica ou pela mímica que o acompanha indica uma outra realidade. Esta outra realidade está ligada ao ato concreto e fatural da locução. Esta faturalidade é uma condição necessária para que a locução desempenhe sua função informativa. É só a partir do acontecimento determinado e empiricamente percebido — que é a locução — que se torna possível captar ou transmitir um conteúdo psíquico igualmente determinado.

Husserl pergunta sobre o que repousa esta função informativa que liga uma realidade percebida **A** a um conteúdo psíquico **B**. O que permite estabelecer tal ligação?

A resposta a esta questão pode ser encontrada no interior do fluxo concreto da locução. Neste fluxo os dois termos da correlação estão submetidos a um desligamento e religamento constantes. As

palavras pronunciadas em diferentes momentos, em diferentes línguas e por um número quase infinito de locutores sofrem variações no plano fonético.

Husserl abandona, assim, o terreno das realizações concretas, dos atos efetivos de palavra e volta a atenção para o plano dos elementos abstratos, cada um dos quais delimitando um conjunto virtualmente ilimitado de variantes.

Estas variantes são realizadas, combinadas na execução fatural e são reconhecidas. Podem desempenhar uma função distinta, graças à sua inclusão em algumas destas classes.

Husserl estabelece uma distinção entre a indicação no caso da linguagem enquanto sinal, como ato constitutivo do sinal, e a significação, que é a marca essencial da expressão, da linguagem em sentido próprio.

A significação é aquilo que resta se prescindirmos das circunstâncias concretas em que ela é realizada. Tematizar tudo o que permanece como invariante de todas as fonações possíveis, e de todas as constituições possíveis de sentido, ao invés de tomar a seqüência fônica dada ao conteúdo psíquico que nela se manifesta, eis a ambição da razão fenomenológica.

Husserl atribui à expressão a característica de 'ato unitário global'. O aspecto fonético, que por si mesmo é privado de significa-

ção, desempenha a função de veículo do significado.

O que Husserl insiste em demonstrar contra o psicologismo é que entre a fonia e o significado não subsiste nenhuma relação natural ou previamente dada. O que equivale a dizer que o significado não determina a fonia. Não existe razão para que determinado conceito deva corresponder a qualquer conjunto fonético. (p. ex. /casa/ ao invés de /asac/).

Esta arbitrariedade encontra sua unidade tomando a língua, como o faz Husserl, como um sistema global, onde cada unidade se acha inserida num conjunto de relações que a vinculam a outras unidades. É por isto que existe para o falante uma conexão íntima entre a fonia e o conceito expresso, onde algo da fonia expressa algo que pertence ao conceito expresso.

Husserl caracteriza o significado de modo a distingui-lo das 'objetualidades' extralingüísticas. Se exprimo um juízo de ordem perceptiva, o significado desta expressão não reside no estado de coisas captado numa percepção atual, para o qual o juízo remete. Podem subsistir juízos vazios que nenhuma percepção, nenhuma intuição de ordem perceptiva pode preencher adequadamente. Significados diferentes podem referir-se a um mesmo objeto ou estado de coisas, e, reciprocamente, um mesmo significado pode referir-se a diferentes objetos.

Toda representação extralingüística precisa ser filtrada através de uma trama de categorias lingüísticas para atingir a expressão.

O significado não reside na informação que o ouvinte pode extrair da minha locução, jaquilo que eu devo ter realizado num determinado ato psíquico.

O que é essencial à expressão e que a diferencia de uma função puramente indicativa ou informativa, é para Husserl uma 'intenção significativa' específica. Dotado de uma configuração autônoma própria, este ato tem a função de reestruturar, na peculiaridade da esfera lingüística, os conteúdos extralingüísticos procedentes da percepção externa, da apreensão dos estados psíquicos.

Esta 'intencionalidade' é exercida pela consciência pura, transcendental, doadora de sentido, que através de uma série de reduções coloca a natureza fora de circuito, abstém-se de qualquer juízo, para encontrar nesta correlação uma invariante.

Tanto os conteúdos de origem externa, como as chamadas vivências psíquicas perdem seu caráter distintivo. Nem os primeiros nem os últimos constituem o significado. O significado de uma expressão, o significado mundo não consiste na representação perceptiva, mas numa unidade ideal, constituída pela consciência. A consciência reorganiza estas representações diversas do próprio objeto, num

âmbito virtualmente infinito de combinações.

Para Husserl, a expressão é 'animada por um sentido'. A expressão está em uma certa relação com a percepção, e é em virtude desta relação que a expressão se diz expressa e pode ser comunicada.

Husserl afirma repetidamente que não existe relação de espehamento ou paralelismo entre o pensamento e a linguagem.

A intenção significativa que opera segundo modalidades próprias define e precede todas as outras funções cognitivas. E o significado da expressão deve ser procurado na própria expressão.

Os atos de significação situam-se num conjunto unitário de leis, e é esta unidade entre o momento lingüístico e o conceitual que permite à expressão encontrar uma tradução intuitiva na esfera perceptiva.

Numa apreciação bastante sumária, podemos observar que o discurso de Husserl quando da etapa representada pelas Investigações move-se numa dupla perspectiva: 1. distinguir o conjunto específico das normas que regem o funcionamento lingüístico; 2. localizar o nexa essencial que une uma estrutura dada à estrutura global dos atos cognitivos.

Compreende-se, assim, por que a análise de Husserl sobre a linguagem assume uma caracterização formal e postula como mo-

mento preliminar a suspensão dos conteúdos materiais que contribuem para a constituição do fato lingüístico.

II. Para Merleau-Ponty, retomando as análises de Husserl, a fenomenologia da linguagem não deve se orientar no sentido de reintegrar as línguas existentes nos quadros de uma eidética de toda linguagem possível. As várias línguas empíricas, desde a linguagem cotidiana, passando pela linguagem literária, até o algoritmo da linguagem científica não são objetos de uma consciência constituinte universal e intemporal. Neste sentido, é necessário um 'regresso ao sujeito falante', ao contacto com a língua que cada um de nós fala.

Do ponto de vista fenomenológico, afirma M. Ponty, para o sujeito falante que utiliza sua língua como meio de comunicação 'com uma comunidade viva', a língua é um sistema cujos elementos formam uma totalidade que se dirige para o presente ou para o futuro.

M. Ponty considera que a temática da linguagem desenvolvida por Husserl nas **Investigações** não explicita como a experiência da palavra poderia ensinar algo sobre o ser da linguagem. Husserl deixa por resolver o problema de como encontrar no desenvolvimento da linguagem um 'equilíbrio em movimento'.

O passado da linguagem torna-se presente e vai-se tornar futuro. Se a linguagem é 'sistema',

necessário se faz que ela o seja em seu desenvolvimento. Certas formas de expressão entram em decadência, são substituídas por outras. Os sujeitos falantes que se comunicam operam um rearranjo dos 'destroços lingüísticos'. É assim que se opera na língua um novo meio de expressão.

O latim, 'fundado na declinação e nas flexões' foi substituído pelo português, 'fundado na proposição'.

Estas alterações latentes ou em incubação excluem as 'significações unívocas' que seriam explicitadas 'ao olhar de uma consciência constituinte'.

Para M. Ponty a linguagem deveria ser tomada não como um sistema de 'formas de significação articuladas' ou 'edifício de idéias' construído segundo o plano rigoroso de uma 'eidética universal'. Não um sistema, mas 'conjunto' de gestos lingüísticos, convergentes e 'definidos pelo valor de emprego', e não por uma significação.

A possibilidade de tal síntese é impossível. Esta universalidade jamais será atingida por uma língua universal, fundamento de todas as línguas possíveis.

Se uma língua pode comunicar algo, isto se deve ao fato não de que 'cada sinal veicula uma significação' que lhe pertence, mas à circunstância de no seu conjunto fazer alusão a uma significação 'sempre adiada'. Cada sinal só pode exprimir algo em relação a uma

'utensilhagem mental', a uma certa relação com os objetos culturais.

As palavras, formas necessárias 'para conduzir à expressão' minha intenção significativa, possuem uma significação lingüística que liga 'minha intenção ainda muda e as palavras'.

A palavra, ouvida ou proferida está carregada de significações, legíveis na 'textura' do gesto lingüístico. Uma hesitação, uma alteração de voz, uma escolha de sintaxe modificam a palavra e seu sentido. Embora não esteja contida no gesto lingüístico, toda expressão aparece como 'rastros' marca de algo que não se encontra mais ali.

A palavra, este 'gesto animado pela significação', é a presença muda que 'desperta minhas intenções'.

Para M. Ponty, aquilo que Husserl chama a intenção significativa é apenas um certo vazio que virá a ser preenchido por palavras, podendo mesmo ser preenchido por um novo silêncio.

A expressão nunca é total. Experimentamos a sensação de que cada língua exprime tudo. Não digamos, porém, que toda expressão é imperfeita, mas sim perfeita, na medida em que pode ser compreendida e despertar múltiplos sentidos. Digamos, sim, que todo ato de expressão, toda junção de palavra e significação que ela visa é para nós, 'sujeitos falantes', a conquista de significações que de um outro modo só surdamente nos seriam presentes.

A tematização do significado não precede a palavra, mas é o seu resultado. Para o sujeito falante, falar é tomar consciência. A palavra não exprime apenas para os outros, mas primeiramente para si própria, para saber o que ela mesma visa.

Se a palavra vem a ser o preenchimento, a 'carne' da intenção significante que é apenas um 'certo vazio', ela não existe apenas para 'recriar ou preencher a mesma carência', a mesma privação.

M. Ponty considera urgente a 'compreensão do ser da linguagem', numa tentativa de explicitar aquilo de que 'há carência nos sujeitos falantes'.

A intenção significante precisa construir um corpo e buscar 'conhecer a si mesma', procurando um equivalente no sistema das significações disponíveis, 'que representam a língua que falo'.

Este propósito mudo e vazio precisa, sob a condição de não se dar a conhecer, realizar um novo arranjo dos instrumentos já significantes ou das 'significações já

falantes' e realizar naquele que fala ou escreve o 'depósito' das significações já disponíveis, criando sempre uma 'significação inédita'.

Assim, uma significação é adquirida e a partir de então torna-se disponível quando consigo fazê-la 'habitar um aparelho de palavra' que não era inicialmente destinado.

A palavra, na medida em que é distinta da língua, é o momento em que a intenção significante, ainda muda e 'integralmente em ato' revela-se capaz de se integrar numa cultura, formando e transformando o sentido dos instrumentos culturais.

Seria preciso, pois, considerar a palavra antes que fosse pronunciada, contra o 'fundo de silêncio' que sempre a envolveu, e sem o qual nada seria dito. Desvendar os 'fios de silêncio' que enredam e envolvem a linguagem.

E, finalmente, se quisermos compreender a linguagem em seu evento de origem, devemos simular 'nunca ter falado', trazendo-nos de volta este fundo silencioso que a protege.